

## ■ ARTIGOS

# ■ A inserção das mídias na educação como uma via de acesso ao ensino significativo

 João Paulo Santos Neves \*  
Maria Aparecida Monteiro da Silva \*\*

**Resumo:** O presente artigo busca evidenciar reflexões acerca da inserção das novas tecnologias da informação do âmbito educacional, uma vez que dada a contemporaneidade e o avanço tecnológico, tornam-se cada vez mais intensas e necessárias discussões, debates e leituras sobre sua utilização consciente, a fim de oportunizar a construção de um conhecimento significativo, favorecendo possíveis análises e proposições para um ensino pautado na construção social do sujeito, bem como favorecer um ensino autônomo mediado pelo professor. O texto aborda a ampliação do uso das tecnologias da informação nas escolas, tal como a inserção cada vez mais constante no processo de ensino aprendizagem dos alunos, apresentando aspectos históricos que favoreceram a abertura para esta nova realidade.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Educação e aprendizado. TICs.

---

\* João Paulo Santos Neves é graduado em Pedagogia e em Química (Licenciatura), especialista no Ensino de Química, em Docência do Ensino Superior, e em Docência na Educação Infantil e Séries iniciais, mestrando em Ciências da Educação (Universidad Colúmbia del Paraguay). Professor e pedagogo na Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso. Contato: joaoppaulo1508@hotmail.com.

\*\* Maria Aparecida Monteiro da Silva é doutora em Educação pela Universidad de Santiago de Compostela (1998) e pela Universidad Politécnica y Artística do Paraguay (2005). Professora titular da Faculdade Iguaçu, Capanema – PR. Docente da Disciplina de Pensamento Crítico e Pesquisa Científica na Universidad Columbia del Paraguay. Contato: mariahmoposil@hotmail.com.

## Introdução

Falar de educação é estar sujeito a refletir de forma profunda e consistente sobre todas as possibilidades e não-possibilidades que estarão interligadas entre si. A educação, como campo de conhecimento, vem sendo tema de inquietude ao longo dos tempos, e desde então, houve mudanças significativas no modo de pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem, tecnologias educacionais, múltiplas aprendizagens, abordagens, dentre outras nuances contemporâneas que vem sendo discutidas ao longo dos últimos anos.

É preciso integrar e analisar, de forma ampla, todos os acontecimentos que são propostos. Em muito se discute a qualidade da educação, onde se evidencia o ato complexo de educar, buscando diferentes abordagens e propostas para que ocorra uma mudança significativa nessas perspectivas. E nós, professores e pesquisadores, temos a função de procurar uma forma de melhorar a maneira educacional para que essa mudança aconteça.

Sujeitos críticos, reflexivos e pensantes são o que a educação pretende lançar para o convívio social. A cada dia, essa concepção se torna ainda mais evidente em nossas reflexões, que são inúmeras em torno das necessidades atuais. Todavia, os eixos e saberes que integram esse pensamento são complexos, evidenciando o pensar e o discutir. Assim, reforça a necessidade de que não somos seres isolados, com conhecimentos fragmentados.

Nessa sistemática, precisamos construir uma sociedade pensante e reflexiva em seus atos. Em se tratando de educação, sociedade e indivíduo; não podemos deixar de discutir um pouco sobre a escola. Local de importante *contribuição* para que esses anseios aconteçam. Trato aqui de *contribuição* em destaque, pois a escola tem o papel de formar integralmente o ser humano. Não coloco toda a responsabilidade nela, uma vez que família e a própria sociedade fazem parte da construção social do sujeito.

Entretanto, vemos que a escola se apega a alguns valores e práticas que nos levam a uma análise mais profunda sobre suas ações aplicadas hoje, possuindo o propósito um tanto quanto, oculto, de formar as pessoas, que se submetem a ela. Contudo, há discursos educacionais como em Pereira (2009) e Rappaport (2006), há discursos educacionais que defendem a escola, afirmando que nela se transmite não só bons modelos de conhecimento, mas bons modelos de comportamento, para os quais se constitui um eixo necessário à formação do sujeito. Está claro que, no quadro de funções da escola, deve ser acrescentado o saber comportar-se ao saber fazer, e aliado a esta concepção o saber questionar ao saber refletir.

Talvez de forma errônea, ou mal interpretada, a

escola possui a função disciplinadora, pois é onde as crianças e jovens devem aprender o respeito pelos adultos, pelos patrões, chefes de Estado e, com certeza pelo modelo capitalista e pelas classes sociais dominantes. Está aí; a evidência de valores e práticas educacionais que precisam ser analisadas e refletidas em sua totalidade e real aplicabilidade, uma vez que a disciplina transcende mais do que um “obedecer a padrões” impostos pelas classes dominantes.

A atividade escolar, expressa bem o papel de reprodutora do sistema que desempenha a escola, onde formar quer dizer dar forma, ou seja, padronizar segundo modelos. A educação em geral, será sempre reprodutora, pois está sempre reproduzindo algo. Porém, o seu problema maior não reside nessa necessidade da reprodução, mas sim naquilo que há por se reproduzir. Uma vez que a escola transmite as ideologias dominantes, e assim reprodutora do modelo disciplinar capitalista (LUCKESI, 1994).

Infelizmente, está no cerne da educação o bom cumprimento dos deveres e o não questionamento sobre o que fazer, assim como os ideais iluministas que perpetuam: “Pensai o que quiserdes, contanto que obedezas”. Nossa atual concepção educacional serve o capitalismo, reproduz seu sistema, seus anseios e relações de produção, talvez deixando de cumprir em partes seu papel educativo. Não esquecendo que há um sistema que rege toda sistemática político-pedagógica da escola em si.

## Iniciando a conversa – A educação

Uma educação de qualidade é, sem dúvida, a frase que mais nos vem à mente quando discutimos sobre esse tema. Mas, afinal, o que vem a ser essa tal “Educação de Qualidade”? São muitos os fatores que nos levam a montar essa pequena expressão, pois a qualidade é uma palavra forte que nos impõe uma responsabilidade da qual estamos assumindo. Essa característica é um dos pilares principais de uma sociedade bem edificada.

Avaliar essa qualidade sempre foi um dos pontos mais polêmicos. Tratamos de emoções, situações adversas e problematizações, desde sociais, até intelectuais. Esse talvez seja o ponto que devemos lançar um olhar bem mais profundo, uma vez que criar um sistema onde se tenta quantizar e qualificar conhecimentos é mais do que, simplesmente, lançar dados analisando-os de forma pronta e acabada. É necessário olhar como esses dados foram construídos. O que foi feito para que eles apresentassem determinado resultado e refletir sobre eles, sejam bons ou ruins. Isto não é tarefa fácil, pois o intelecto é uma pluralidade de ideias e habilidades.

Vemos, então, uma deficiência, talvez, na teoria de Binet, que em 1905 publica seu teste de

raciocínio e lógica. Ele tenta quantizar e qualificar o conhecimento, utilizando um teste padronizado com escalas pré-determinadas.

Já afirmava Gardner (1994): “A inteligência não é um conceito único, mas uma soma de várias habilidades”. Não podemos nos envolver apenas com o propósito de avaliar, mas, sim, de construir um método onde possamos avaliar da forma mais integral possível o ser humano. Não esquecendo que este fará parte da sociedade e será submetido a avaliações intrínsecas cotidianamente. Todos têm suas dificuldades em certas áreas e habilidades em outras. Ao potencializar nossas habilidades de forma fechada e extremamente fragmentada, estaremos definindo nossa inteligência como individual e específica.

O ser humano não é um ser isolado. Ele sofre várias influências em seu processo construtivo tanto intelectual, emocional e de convivência. Um saber não se constrói sem antes vir arraigado de uma cultura. Segundo Vygotsky (2001), tudo que é cultural é social, pois a cultura é produto da vida social e da atividade social humana. Valorizar esta cultura é preservar e manter firme as concepções inseridas no processo de formação do indivíduo.

Com isso, os saberes que farão parte da ação são internalizados de forma a serem utilizados de um modo integral. Este é necessário para uma sociedade atual, que necessita, cada vez mais, de seres que pensam global, coletivamente e de forma social.

O teórico Paulo Freire também formou suas ideias pedagógicas em observação à cultura dos alunos – em particular o uso da linguagem – e do papel elitista das escolas, justamente em observância à real funcionalidade da escola e qual sua função na vida do aluno. O método de Freire não visa tornar o conhecimento mais rápido e acessível ao aprendizado. O ato de educar não consiste tão somente em dar aula, mas num conjunto de ações que implicam em outras ações cotidianas e sem perceber pessoais e do dia a dia, que vão incorporando a vida do educador.

Combater a passividade do aluno, o “esperar pronto” é necessário se fazer de forma constante, uma vez que queremos uma sociedade livre de “amarras” ideológicas e concepções equivocadas de mundo, bem como uma análise simplista e reduzida da realidade. Em sala de aula, tanto professor quanto aluno aprendem juntos, um com o outro. Para isso, é necessário que haja relações democráticas e afetivas, a fim de criar seres pensantes e educados humanisticamente. É necessário recriar uma escola cuja dinâmica esteja efetivamente mais próxima da realidade do mundo, das comunicações e interações onde os alunos sejam capazes de estabelecer relações e não só reproduzir (ROMÃO, 2008).

De forma alguma é objetivo, criar seres propensos a

atitudes infundadas e irracionais; mas tem-se como pilar principal formar seres pensantes na realidade, onde possam refletir, questionar, argumentar de forma coerente sobre os fatos que lhes são impostos ou propostos.

A educação não pode se tornar algo reduzido aos livros, mas deve-se ampliar à realidade do aluno, como bem enfatiza Freire (1980), pois é de lá que surgem as ideias, é de lá que o educando vê de forma palpável sua realidade sendo desmistificada em sua frente. Educar é uma tarefa que exige eficácia e dedicação. Essa dedicação, iremos discutir mais adiante. Mas, em se tratando de eficácia, temos um determinado entrave.

## Educação e contemporaneidade

O termo “eficiência” carrega um tom forte e uma imposição irrevogável. Ferreira, (2011, p. 346) no Dicionário Aurélio Júnior afirma que *eficiência* é a ação ou virtude de produzir o efeito desejado com bom aproveitamento do esforço aplicado. A didática vem de encontro correlacionado com essa eficiência, pois trata-se da arte de ensinar. A Didática deve desenvolver a capacidade crítica dos professores em formação; articular conhecimentos adquiridos; e como ensinar, refletindo para quem ensinar, o que devem ensinar e o porquê do ensinar.

Há uma preocupação com o embasamento teórico nas tendências pedagógicas e como se dá o processo de ensino aprendizagem. É necessária uma investigação das condições e formas que vigoram o ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais e psicossociais). Torna-se interessante a discussão sobre esses fatores, pois sabemos que sofremos influências, desde o meio social, até o nosso intelecto enquanto convictos de sermos seres humanos. Não somos seres isolados (LIBANEO, 1990).

Libâneo (idem) defende muito a formação para o processo produtivo e para a vida em sociedade. Vemos aí, uma estreita relação com as teorias de Morin (2001, p. 58) quando afirma que: “*O conjunto beneficia o ensino porque o aluno busca relações para entender. Só quando sai da disciplina e consegue contextualizar é que ele vê ligação com a vida*”.

Morin (2001) discute em seu livro “A cabeça bem feita”, que existe uma crescente incompatibilidade entre os saberes isolados e unidimensionalizados, quando percebidos nas questões contemporâneas e globais [o conhecimento indiscutivelmente plural]. Por isso, nas palavras dele:

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplina, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (MORIN, 2001, p. 13).

Estas constantes interações entre os saberes fazem com que possamos vislumbrar aquilo que Edgar Morin chama de *complexus* (do latim: tecido junto), pois, tais conexões resultam de uma série de fatores, os quais na atualidade perceberam exímias contribuições, como o avanço da ciência e da tecnologia. Quanto a isso Morin e Silva (1997) indagam e afirmam:

Por que ligar? Porque o conhecimento só é pertinente quando situado no seu contexto e na globalidade. Ligar, contextualizar e globalizar fazem parte da necessidade natural do conhecimento. Para saber ligar, entretanto, é preciso utilizar instrumentos de pensamento estranhos aos procedimentos científicos clássicos que obedecem à causalidade linear simples, a uma lógica rígida e que obedecem sobretudo ao princípio da separabilidade. O homem, por exemplo, que é ao mesmo tempo um ser físico, químico, cerebral, mental, espiritual, social e cultural, é estudado de maneira fragmentada: a física, a química, a biologia, o cérebro, o espírito, a cultura e a sociedade, a psicologia, etc. ora, em realidade essa separação não nos permite compreender a complexidade humana. O pensamento complexo volta-se contra essa situação, sem ser, contudo, apenas o contrário do pensamento simples, e integra os modos de pensar simples e complexos numa concepção mais rica. Trata-se da 'dialógica' do simples e do complexo, do separável e do não-separável, da ordem e da desordem, da 'dialógica' entre a lógica clássica e a transgressão lógica quando esta se impõe, ou antes, entre a lógica clássica e a racionalidade aberta (MORIN; SILVA, 1997, p. 84-85).

Ao passo em que a compartimentalização do conhecimento científico e tecnológico avança diante às exigências do modelo econômico capitalista em que a industrialização se apoia, a necessidade da especialização se impõe. Com isso, a análise das realidades e a produção maciça de indivíduos com esta perspectiva se mantém dentro destes padrões e de limites restritos. Entretanto, reflexões como a que esta pesquisa se propõe, discussões contemporâneas e produções acadêmicas dos últimos anos, apontam para a necessidade emergente de uma visão cada vez mais complexa da vida, de suas relações e correlações, influências internas e externas e como isso irá impactar no futuro.

Quando Morin (2004) estabelece os sete saberes necessários à Educação do futuro, ele busca apontar o caminho para que reconheçamos as cegueiras do conhecimento, que são extremamente necessárias para poder compreender a realidade, é um dos saberes que Edgar Morin aponta.

Para tanto, é necessário propor uma educação transformadora, onde parte do princípio democrático, pela participação de todos, lançando o olhar de um homem livre, racional, capaz de promover mudanças principia- das de suas convicções sociais e no pensar através da realidade do trabalho humano como obra de cultura. Entender o complexo se torna extremamente necessário para visualizar a lógica total do sistema.

O ato educativo pautado na criatividade, transformação, incentivo e busca incessante da compreensão do complexo converge à dedicação que o educador deposita sobre seu ato social de educar. Compreender a educação como transformação social, pressupõe ver o homem não como um reservatório, depósito de conteúdos; mas sujeito construtor da própria história. A ação educativa é proporcionada através da relação educador e educando; mas é permeada pelo desejo e pela curiosidade, os quais favorecem a dinâmica de aprender com significado.

O intelecto do ser humano é uma pluralidade de ideias e habilidades, e nesse ideário a inserção das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) vem modificando o perfil do processo de ensino aprendizagem, favorecendo uma nova visão.

A educação é uma constante construção de consciência crítica. Essa construção começa com a problematização dos dados que nos chegam direta e indiretamente, através dos meios comunicativos numa perspectiva de conjunto. Durante anos de modificações, a educação brasileira sofreu diferentes transformações em sua construção histórica e no desenvolvimento de um "molde" adequado às diferentes realidades. Com relação à utilização de computadores não foi diferente, uma vez que a inserção deles já era pensada na década de 1970.

Desde então a sociedade está diante de várias mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico, que, por consequência, afetam os modos de ensino e aprendizagem. Considerando a necessidade de a escola estar inserida no mundo globalizado e de oportunizar condições para que os alunos utilizem os recursos disponíveis para uma aprendizagem significativa, faz-se imprescindível uma reflexão acerca do novo papel que é exigido frente aos conhecimentos, a fim de se adequar diante da sociedade da informação, e também intencionando que os meios tecnológicos não sejam mais um modismo a entrar na escola.

O uso de ferramentas tecnológicas cada vez mais modernas e/ou sofisticadas aponta a influência que essas possuem sobre o modo de viver na sociedade atual. É necessário, então, potencializar a aprendizagem através de tais elementos que se fazem cada vez mais presentes na vida do ser humano. Para tanto, as ferramentas tecnologicamente simples também podem apresentar resultados positivos quando boas estratégias pedagógicas são aplicadas.

A verdadeira integração do computador na realidade da escola supõe uma nova organização escolar mais descentrada, um currículo mais flexível, a inserção de novos tempos escolares, menos rígidos e programados, mudanças no próprio espaço da sala de aula. E isso não acontece de um dia para o outro; requer tempo, ajudas

específicas, incentivos, toda uma estrutura de apoio. Nessa perspectiva, esta nova organização curricular é ditada pelos novos cenários de economia globalizada, que se apresenta como forma alternativa de sobrevivência (FREITAS, 2008).

Na atualidade, a internet se tornou uma das ferramentas mais utilizada pelo homem contemporâneo contribuindo ainda mais para a construção de um mundo talvez globalizado, pois para que essa “globalização” seja abrangente, é necessária que tal evolução chegue com uniformidade a todos, o que certamente não acontece.

Segundo Akamai (2014), o acesso à internet vem sendo tratado como um serviço fundamental, o qual está diretamente ligado ao exercício de direitos e que se materializa como uma ferramenta inevitável ao desenvolvimento social e econômico. Apesar de o Brasil ter uma parcela significativa de usuários de Internet e acesso a computadores no cenário internacional, ocupando a quinta posição no ranking mundial, perde apenas para China, Estados Unidos, Índia e Japão (BRASIL, 2015); regionalmente ainda representa 40% de todo o contingente online da América Latina; o que indica sofrer ainda uma significativa exclusão digital.

Valente (1998) aponta que o objetivo da utilização do computador na escola não deve ser centrado no que o aluno desenvolve, mas na filosofia de uso do computador e como ele está facilitando a assimilação de conceitos que permeiam as diversas atividades, favorecendo assim uma aprendizagem que lhe faça sentido e cause algum impacto benéfico e significativo em seu conhecimento.

O computador em sala de aula favorece ao aluno a busca de uma série de oportunidades, e é responsabilidade do professor mediar as informações, para que sejam pilares construtores do conhecimento, sem esquecer que este deve ser edificado de forma responsável, autônoma e consciente.

Toda essa evolução e disseminação do conhecimento popularizou e potencializou cada vez mais com o uso das Tecnologias de Desenvolvimento da Informação e Comunicação nos diversos setores da sociedade, favorecendo mudanças nas relações econômicas, sociais e culturais. Tal dinamismo cultural que afeta a sociedade, interfere na escola e a educação também sente os efeitos da ampliação e democratização desses mecanismos tecnológicos.

Segundo Schaff (1995), percebe-se, que, nos últimos anos, há um interesse e uma inquietação visível no âmbito educacional a respeito da inserção do computador na escola. O interesse parece se auto justificar pela possibilidade de novos métodos para se alcançar uma melhoria na qualidade de ensino, mas percebe-se que o grande dilema talvez fique diante do medo

da substituição do homem pela máquina. Todavia, a explosão tecnológica tem proporcionado, através da introdução das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação) nas escolas, uma melhoria na qualidade do ensino.

Nesse aspecto, Moran (2000, p. 139) afirma que é impossível dialogar sobre tecnologia e educação, inclusive educação escolar, sem abordarmos a questão do processo de aprendizagem. Com efeito, a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. A tecnologia reveste-se de um valor relativo e depende desse processo. Ela tem sua importância apenas como instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém.

## Aprendizagem significativa

A educação do cidadão não pode estar alheia ao novo contexto socioeconômico-tecnológico, cuja característica geral não está mais na centralidade da produção fabril ou da mídia de massa, mas na informação digitalizada como nova infraestrutura básica, como novo modo de produção.

As reflexões em torno do assunto mídia e educação vem sendo aprofundadas há várias décadas dado a constatação de sua influência na formação do sujeito contemporâneo e da necessidade em explorar o assunto diante do rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

No campo educacional, torna-se cada vez mais necessária a presença do trabalho docente para lidar com a grande quantidade de informações projetadas pela mídia em todos os jovens. A orientação do professor é de extrema relevância na análise crítica dos conteúdos midiáticos por meio da apresentação do conhecimento científico estruturado, para que os alunos sejam capazes de reestruturar seu pensamento com base no fundamento teórico. Não basta somente colocar os recursos midiáticos na escola, mas se faz necessária a inserção de tais recursos de modo que contribuam para a transformação social e que haja uma efetiva participação de todos no processo de democratização do conhecimento.

O profissional em educação que utiliza em sua prática metodológica, recursos audiovisuais e do cotidiano dos alunos, permite que haja o incentivo à problematização de conceitos, satisfazendo as curiosidades dos alunos e as necessidades reais ou imaginárias dos mesmos (VASCONCELOS; LEÃO, 2010).

Nesse sentido, torna-se cada vez mais imprescindível a utilização desses meios na escola, para oportunizar novas reflexões e possibilitar um ensino cada vez mais democrático; pois, ao utilizar tais ferramentas, o aluno

pode adquirir o conhecimento de forma natural e, com o auxílio do professor, sistematizar esse conhecimento.

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento e é necessário acompanhar tais avanços. As descobertas são extremamente rápidas e estão à nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada, o que não é diferente para o conhecimento. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado, o que ainda é necessária é a inserção dos educadores nessa nova realidade e o acompanhamento constante para mediar de forma coerente os conhecimentos que são ofertados (KALINKE, 1999).

A utilização pedagógica da internet é um desafio que os professores e as escolas ainda enfrentam, pois cada vez mais, ela vem atingindo o sistema educacional. As redes são utilizadas no processo pedagógico para romper as paredes da escola, bem como para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas realidades, culturas diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo.

Uma educação para a comunicação precisa de articulação consistente e conhecimento metodológico necessário para que tal prática seja executada satisfatoriamente. Educação para a comunicação é a busca de novos conteúdos, de novas relações, de novas formas de expressar esses conteúdos e essas relações. A escola precisa exercitar as novas linguagens que sensibilizam e motivam os alunos (MORAN, 2008).

No mundo atual, a sociedade passa por diversas transformações sociais, culturais e até então tecnológicas, o que desencadeia a necessidade de acompanhar essas evoluções, uma vez que as mesmas são de fundamental importância para o progresso de um indivíduo numa sociedade, sendo a utilização do computador no processo educativo, desde as séries iniciais, uma oportunidade de ampliar o conhecimento dos alunos na escola.

O uso do computador dentro do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes deve possibilitar

novas perspectivas de abordagem pedagógica e não apenas colaborar com o professor na aplicação de seus conteúdos, favorecendo assim uma melhora no desempenho deles.

Tendo em vista os aspectos estudados e analisados, espera-se que este estudo oportunize uma reflexão, no sentido de melhorar a educação incorporando cada vez mais as tecnologias no processo educativo dos alunos, mas de forma consciente e que favoreça o crescimento autônomo do aluno e a reflexão constante do professor.

## Considerações finais

A integração das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) na sociedade moderna vem sendo discutida há muito tempo e incorporada ao ensino. Torna-se possível inferir que o uso das mídias no contexto educacional representa uma importante perspectiva de promoção de ensino mais democrático e colaborativo, aliando criticidade, construção autônoma do conhecimento, contextualização com a realidade vivenciada e melhor apropriação de assuntos correlacionados ao cotidiano dos estudantes.

É importante considerar, que para que os recursos tecnológicos sejam bem incorporados de forma consciente na prática pedagógica, o professorado deve ter uma boa formação inicial que contemple a utilização crítica e consciente destes recursos. Mas, essa reflexão pode configurar novos vieses de pesquisa, a fim de expandir o aparato prático e bibliográfico voltado à educação. De qualquer forma, é eminente que uma formação satisfatória e prazerosa pode favorecer um maior sucesso e expansão dos horizontes educacionais.

Nessa situação, o professor deve assumir o papel de mediador entre a informação e o conhecimento, por meio da articulação de conteúdos significativos que permitem o desenvolvimento das competências e habilidades voltadas para o "saber ser". Nesse âmbito, a aprendizagem significativa se faz através de situações de aprendizagens de relevância e por meio da sociedade em que o estudante está inserido. ■

## Referências bibliográficas

- AKAMAI. **The State of the Internet** – 2014. Report (Vol 7, numero 4). Cambridge: 2015. Disponível em: <https://www.akamai.com/us/en/multimedia/documents/content/akamai-state-of-the-internet-report-q4-2014.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.
- BRASIL. Presidência da República. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secretaria de Comunicação Social, 2015.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

- FREITAS, M. T. de A. Computador/Internet como Instrumentos de Aprendizagem: Uma Reflexão a partir da abordagem Psicológica Histórico-Cultural. In: **2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, anais eletrônicos, 2008.
- GARDNER, H. **Estruturas da Mente**: A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KALINKE, M. A. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990. Disponível em: <http://www.infoescola.com/pedagogia/didatica/>. Acesso em: 06 abr. 2013.
- LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- \_\_\_\_\_. **As mídias na educação**. 2008. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/mayamandrade1/as-mdias-na-educao-15911570>. Acesso em: 19 nov. 2013.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- \_\_\_\_\_; SILVA, J. M. da. Edgar Morin, o mestre da complexidade: entrevista de Edgar Morin a Juremir Machado da Silva. **Estudos Leopoldenses**: série educação. vol. 1, n. 1, São Leopoldo, p. 81-92, 1997.
- PEREIRA, M.A.S. **Indisciplina escolar**: Concepções dos professores e relações com a formação docente. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande, MS, 2009.
- RAPPAPORT, C. R. **Encarando a adolescência**. Série Jovem Hoje. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ROMÃO, J. E. **Educação e contemporaneidade**. São Paulo: Ática, 2008.
- SCHAFF, A. A **sociedade informática**: as consequências sociais da segunda revolução industrial. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento**: repensando educação. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1998.
- VASCONCELOS, F. C. G. C.; LEÃO, M. B. C. A utilização de programas televisão como recurso didático em aulas de química. In: **Encontro Nacional de Ensino de Química**, 15, 21 a 24 de julho de 2010. Cadernos de resumos. Brasília: 2010.
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.